

Nota Técnica

**Evolução recente da
rotatividade no emprego
formal no Brasil**

Setembro de 2009

Evolução recente da rotatividade no emprego formal no Brasil

Marcio Pochmann¹

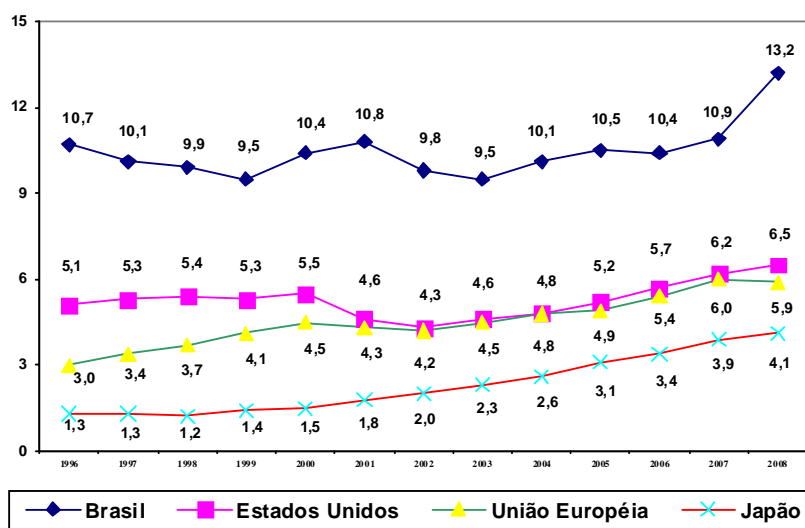
A contaminação do Brasil pela crise internacional a partir do último trimestre de 2008 fez com que o Produto Interno Bruto (PIB) acumulasse queda de mais de 4% entre o último trimestre do ano passado e o primeiro semestre de 2009. O setor industrial, com redução de 11,6% neste mesmo período de tempo, foi o principal responsável pela inflexão na evolução do PIB, uma vez que o setor agropecuário registrou leve expansão de 0,6% e o setor terciário cresceu 4,2%.

Apesar dos importantes sinais da recessão industrial instalada na economia brasileira, há situações distintas entre os setores de atividade, com dimensões diferenciadas no total da produção e da ocupação nacional. Enquanto a queda da produção atingiu fundamentalmente o setor industrial, que representa quase 31% da produção e 22% da ocupação do país, o setor de serviços, que responde por mais de 2/3 da produção e quase 60% da ocupação nacional, apresenta importante expansão.

No mercado de trabalho, os efeitos da crise econômica se fizeram manifestar no aumento do desemprego, da informalidade e da rotatividade dos empregados. Em relação à rotatividade, destaca-se o seu sentido geral de substituição de empregados de maior remuneração por outros de menor custo do trabalho.

Em síntese, a rotatividade não representa encolhimento do nível de emprego, mas a possibilidade do rebaixamento das remunerações. Esse fenômeno é significativo no mercado de trabalho brasileiro, sobretudo quando comparado com o de outros países.

Gráfico 01: Medida de flexibilidade quantitativa em países selecionados entre 1996 e 2008 (empregados demitidos com até três meses de contrato em relação ao total da ocupação)

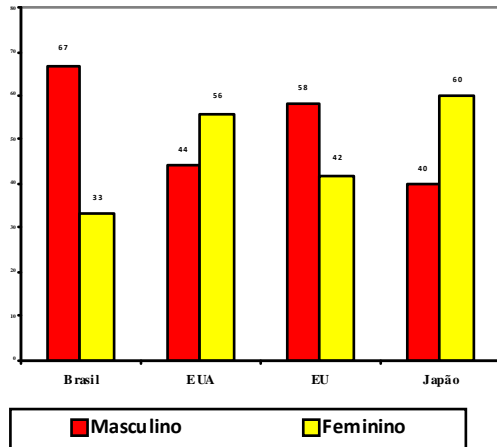


Fonte: OCDE, OIT, EUROSTAT, MTE

¹ Professor e pesquisador licenciado do Instituto de Economia e do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas. Presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

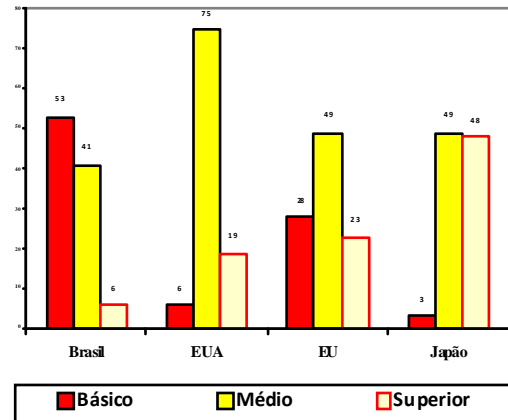
Ainda que se note uma leve elevação no ritmo de rotatividade nos países selecionados, chama a atenção o aumento da rotatividade no Brasil a partir do ano passado, quando a crise econômica contaminou a economia nacional. Com isso, podem-se verificar diferenças importantes em relação ao perfil do trabalhador exposto à rotatividade no Brasil e nos países selecionados.

Gráfico 02: Medida de flexibilidade em países selecionados (composição segundo sexo) em 2008 (em %)



Fonte: OCDE, EUROSTAT, OIT, MTE

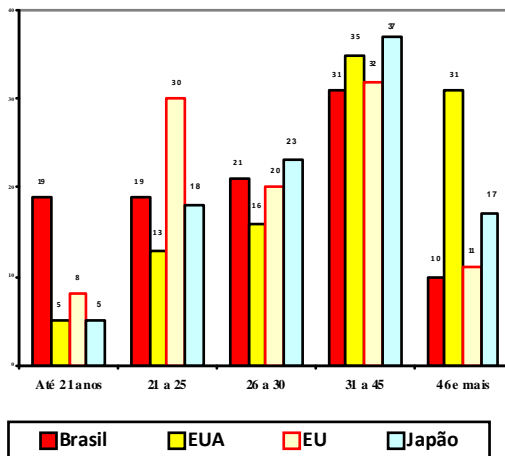
Gráfico 03: Medida de flexibilidade em países selecionados (composição segundo escolaridade) em 2008 (em %)



Fonte: OCDE, EUROSTAT, OIT, MTE

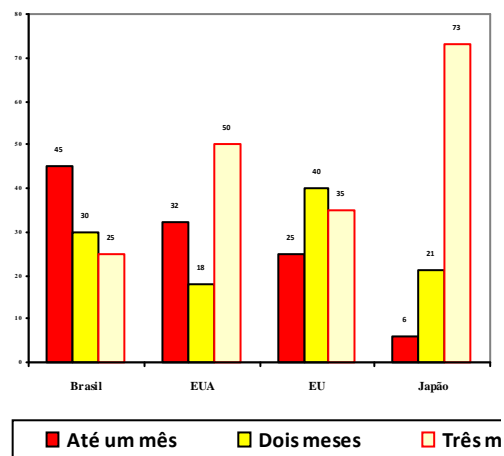
Se considerada a rotatividade por setor econômico, por faixa etária e por período de tempo do empregado na mesma empresa notam-se diferenças importantes entre os países. No Brasil tende a predominar a rotatividade entre os mais jovens e no primeiro mês de contratação, enquanto nos outros países selecionados concentra-se nas faixas etárias adultas e nos dois ou três meses de contratação.

Gráfico 04: Medida de flexibilidade em países selecionados (composição segundo faixa etária) em 2008 (em %)



Fonte: OCDE, EUROSTAT, OIT, MTE

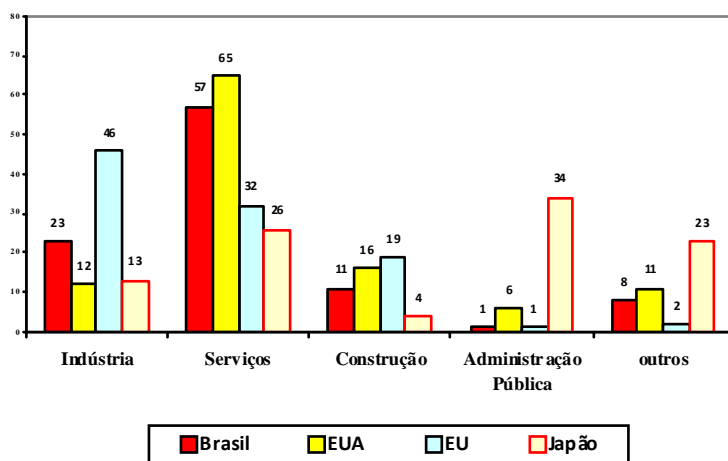
Gráfico 05: Medida de flexibilidade em países selecionados (composição segundo tempo de contratação) em 2008 (em %)



Fonte: OCDE, EUROSTAT, OIT, MTE

Nações como Japão e Estados Unidos concentram mais a rotatividade no emprego feminino, diferentemente do Brasil e União Européia. No Brasil, a rotatividade atinge mais os postos de trabalho com empregados de menor remuneração, ao contrário dos demais países que envolvem empregados com maior escolaridade.

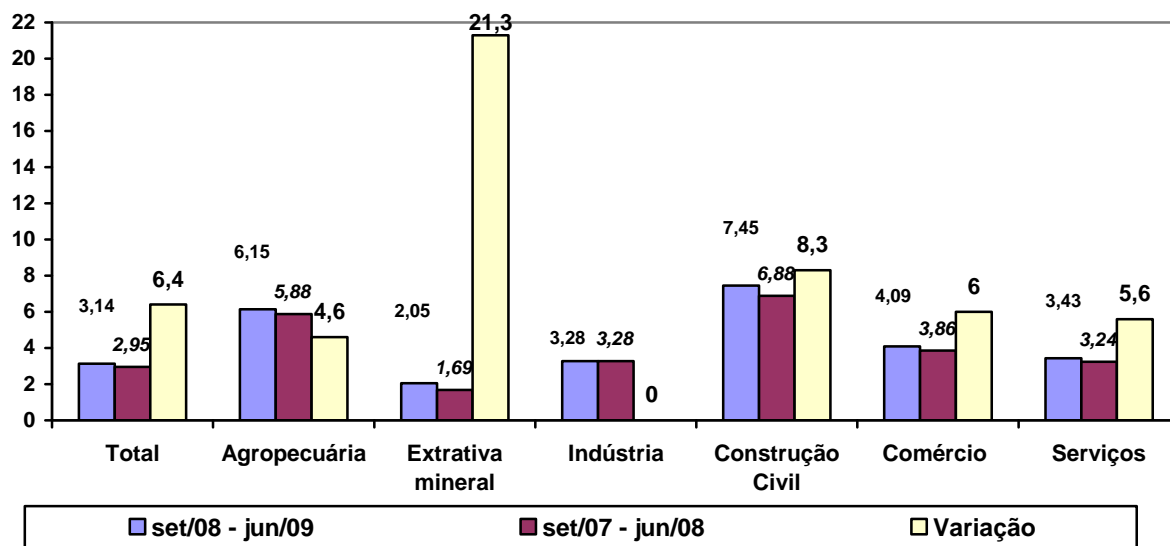
Gráfico 06: Medida de flexibilidade em países selecionados (composição segundo setor econômico) em 2008 (em %)



Fonte: OCDE, EUROSTAT, OIT, MTE

Pode-se destacar ainda que em relação à rotatividade por setor econômico, destaca-se o maior peso no setor terciário das economias selecionadas. Nesse sentido o Brasil tende a se aproximar mais do mercado de trabalho dos Estados Unidos.

Gráfico 07- Brasil: Evolução da taxa mensal de rotatividade no total do emprego formal antes e durante a crise econômica (em %)

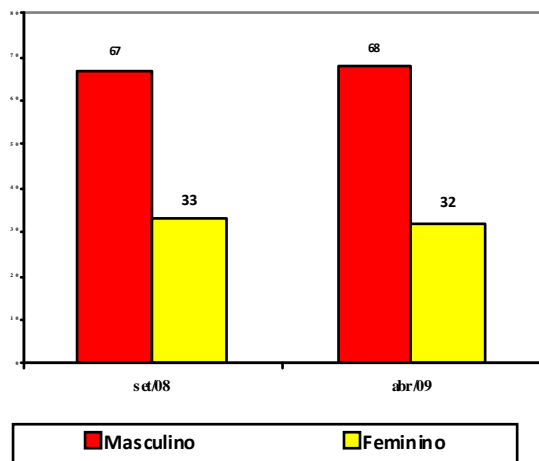


Fonte: MTE – CAGED (Elaboração própria)

Nos meses que decorreram da manifestação inicial da crise internacional no Brasil (set/08 a jun/09), a taxa média nacional de rotatividade do emprego formal foi de

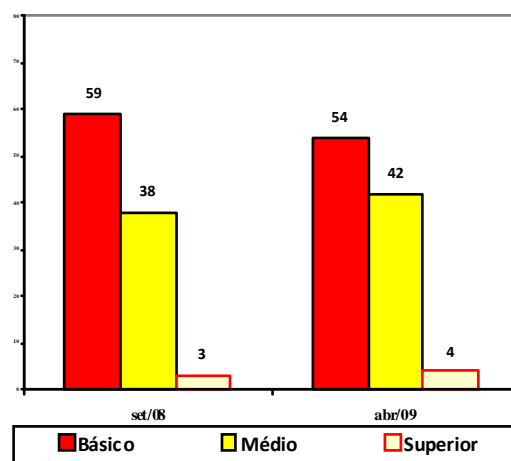
3,14%. No mesmo período de tempo anterior (set/07 a jun/08), a taxa média nacional de rotatividade foi de 2,95%. Com isso, observa-se que a partir da crise econômica, a rotatividade cresceu 6,4%, indicando que um dos mecanismos de ajuste do mercado de trabalho, além do fechamento de vagas, tem sido a substituição na mesma ocupação de um empregado de maior remuneração por outro de menor salário.

Gráfico 08: Medida de flexibilidade antes e durante a crise (composição segundo sexo em %)



Fonte: MTE - CAGED

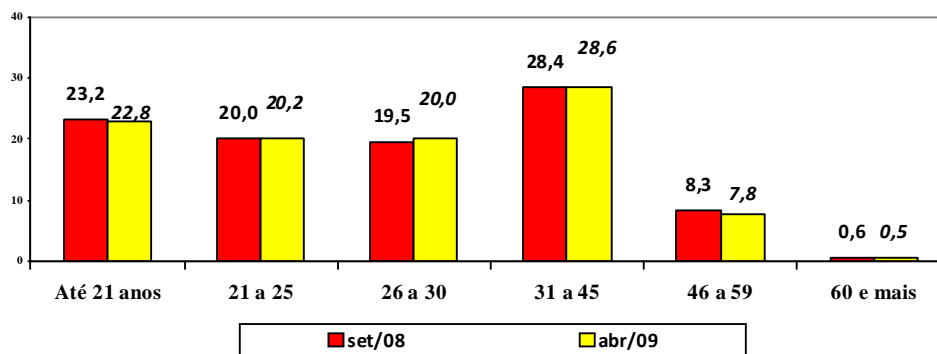
Gráfico 09: Medida de flexibilidade antes e durante a crise (composição segundo escolaridade em %)



Fonte: MTE - CAGED

Desde a crise econômica, os setores que aumentaram a rotatividade não foram os que mais demitiram empregados formais. O setor terciário, por exemplo, que contempla o comércio e os serviços em geral, manteve o saldo positivo entre contratação e demissão no período recente, porém, com aumento da rotatividade em relação ao período anterior.

Gráfico 10: Medida de flexibilidade antes e durante a crise (composição segundo faixa etária) em %



Fonte: MTE – CAGED (Elaboração própria)

Já o setor industrial, com maiores baixas no nível ocupacional, não terminou apresentando alteração na taxa de rotatividade da mão-de-obra formal, embora a

Construção Civil tenha registrado o segundo maior aumento da medida de flexibilidade quantitativa da mão-de-obra, abaixo do setor de extrativismo mineral. Em síntese, o processo de ajuste no interior do mercado de trabalho formal frente à crise internacional tem sido a demissão acompanhada da rotatividade, que significa a contratação com condições de salário inferiores às anteriores.

Por último, destaca-se também que a expansão da rotatividade da mão-de-obra formal de nível médio e superior de escolaridade. Além disso, nota-se que a rotatividade, segundo sexo, não sofreu alteração importante, ao contrário do perfil por faixa etária, com leve redução para empregados com menos de 21 anos e maiores de 46 anos, bem como a maior expansão para trabalhadores entre 22 e 45 anos de idade.